



OS PRINCÍPIOS DO RELATÓRIO JACQUES DELORS NA REVISTA NOVA ESCOLA

Fernanda Amorim Accorsi¹

RESUMO: Neste breve artigo utilizamos duas capas da revista Nova Escola, da editora Abril, do ano de 2006, como ponto de partida para a discussão acerca dos princípios do Relatório Jacques Delors e da educação do século XXI. Objetivamos encontrar resquícios dos ideais propostos pelo referido documento nas capas da revista e contrapor com algumas correntes teóricas. Problematicamos a inserção das tecnologias, entre elas a televisão e o computador, na sala de aula, a fim de vislumbrar a ideia de que não basta apropriar-se dos meios de comunicação para conquistar a educação crítica e cidadã, é preciso ir além do viés tecnicista da tecnologia empregada para oportunizar o desenvolvimento intelectual aos alunos. Inserir-la no processo de ensino e aprendizagem seguindo o “manual”, publicado pela revista, não garante o pleno desenvolvimento dos alunos, nem o compromisso com a aprendizagem do conhecimento produzido historicamente. Portanto, verificamos, ao longo do estudo, que a Nova Escola repercute os princípios do Relatório Jacques Delors nas suas matérias de capa e que ambos defendem, mesmo que entrelinhas, uma escola pautada na coesão de classes, responsável por primar pela paz e pela tolerância e acaba por não problematizar as desigualdades sociais. A escola, nesta perspectiva, é um espaço onde se valoriza o desenvolvimento de competências para o contexto globalizado em detrimento da aprendizagem intelectual do aluno, o qual precisa estar pronto para adaptar-se a sociedade em que está inserido.

Palavras-chave: Educação, Mídia, Relatório Delors revista Nova Escola.

ABSTRACT: In this article, we use two covers of the magazine ‘Nova Escola’, April publisher, in the year 2006, as a starting point for discussion about the principles of the ‘Relatório Jacques Delors’ and the education of XXI century. Our goal was to find remnants of the ideals proposed by the document on the covers of the magazine and counter with some theories. We discussed the integration of technologies, including television and computer in the classroom, in order to glimpse the idea that not enough appropriate the media to achieve critical education and citizenship, must go beyond the technicist bias the technology used to create opportunities for students to develop intellectually. Inserting the technology in the process of teaching and learning by following the "manual", the journal does not guarantee the full development of the students, nor the commitment to learning the knowledge produced historically. Therefore, we find, throughout the study, a ‘Nova Escola’ reverberates the principles of the Relatório Delors in their cover stories and they both advocate a school based in the cohesion of classes, responsible to the peace and tolerance and not discusses social inequalities. The school, in this perspective, is a

¹ Aluna regular do mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde (FCV) e jornalista pelo Centro de Ensino Superior do Paraná. E-mail: accorsifer@gmail.com



space where we appreciate the development of skills for the global context instead of intellectual learning of the student, should be ready to adapt to the society in which it operates.

Key-words: Education, Nova Escola Magazine, Media, Relatório Delors.

Introdução

Se pensarmos² que o desenvolvimento humano ocorre por intermédio da educação, que é vinculada ao trabalho e à prática social, podemos dizer que educar é uma ação imaterial repleta de ideias, rabiscos, concepções e conceitos e faz parte da natureza humana, que deseja avançar e evoluir. (SAVIANI, 2008). A educação sempre esteve ligada à demanda social. A partir da década de 70, com a flexibilização de diferentes setores da sociedade, as transformações na forma de organização do trabalho, a cultura como objeto de consumo, a expansão da informática, desencadeou, o que Marcuse chamou de, “adesão voluntária” à sociedade vigente (1997).

É neste espaço temporal, em um processo produtivo flexível, que se apresenta este artigo, em que discutimos a mídia, em especial aquela voltada à educação, e os princípios que têm norteado a educação brasileira no século XXI. Consideramos que os meios de comunicação colaboram diretamente no controle da subjetividade dos sujeitos, por meio de slogans, novelas e reportagens, entre outros estímulos, percebemos que a mídia³ cria necessidades e prioridades. A fim de entender um pouco mais sobre os meios de comunicação e a educação brasileira, analisamos duas capas da revista Nova Escola, da editora Abril, o que encontramos serviu de base para discussões acerca do Relatório Jacques Delors, entre outros livros, artigos e ideias de autores. Objetivamos, principalmente, encontrar resquícios dos ideais propostos pelo documento nas capas da revista⁴ e contrastar com algumas premissas teóricas.

A motivação para tal estudo surgiu durante as aulas do mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá, em que muito se discutiu o ser humano que queremos formar. Conforme o documento, cabe aos professores formar o espírito e o caráter das “novas

² Utilizaremos ao longo do artigo o verbo na 3ª pessoa do plural por considerarmos que toda a reflexão aqui presente não foi feita por uma única pessoa, mas sim com a contribuição de professores, autores, ideias e teorias.

³ Leia-se mídia “como conjunto dos meios de comunicação. Do latim *media* (plural de *medium*)” (LAGE, 1999, p.73)

⁴ Consideramos, aqui, revista sinônimo de periódico.



gerações”, compostas por sujeitos capazes de evoluir e adaptar-se a um contexto de aceleradas transformações (DELORS, 1998). Com o título ‘Educação: um tesouro a descobrir’ e a fim de estabelecer uma educação ideal para as próximas sociedades, o Relatório estabeleceu três temas transversais⁵ e seis linhas investigativas⁶ de trabalho.

A educação deve ocorrer de forma universal e singular simultaneamente, prezando pelo desenvolvimento integral do indivíduo e tanto os temas transversais como as linhas investigativas precisam estar relacionados com os quatro pilares da educação. São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (RIZO *in* CARVALHO; FAUSTINO, 2012). O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, que aqui chamaremos de Relatório Delors, foi elaborado no ano de 1996 em que especialistas⁷ em educação de diferentes países traçaram orientações sobre a educação mundial.

Frente a isso, o que mais nos interessa compreender são as influências das premissas do Relatório Delors sobre os meios de comunicação que adentram ao universo escolar, em especial na revista Nova Escola, pois outros estudos já apontaram resquícios do Relatório em documentos da educação brasileira. Rizo alerta que

[a]o mesmo tempo, o relatório solidificou, no campo educacional, ideias anteriores e presentes em diversos documentos que apontam para o agenciamento responsável das ações individuais como parte das soluções para os problemas do mundo. Não só os Estados e seus governos deveriam assumir a responsabilidade pelos assuntos sobre o futuro da Terra, mas também o cidadão comum (2012, p. 59).

⁵ Tecnologias de comunicação; professores e processo de ensino; administração e finanças.

⁶ Educação e cultura; educação e cidadania; educação e coesão social; educação, trabalho e emprego; educação e desenvolvimento; educação pesquisa e ciência.

⁷ In'am Al Mufti (Jordânia), Isao Amagi (Japão), Roberto Carneiro (Portugal), Fay Chung (Zimbábue) Bronislaw Geremek (Polônia), William Gorham (Estados Unidos), Aleksandra Kornhauser (Eslovênia), Michael Manley (Jamaica), Marisela Padrón Quero (Venezuela), Karan Singh (Índia), Rodolfo Stavenhagen (México), Myong Won Suhr (Coreia do Sul), Zhou Nanzhao (China).



A educação proposta pelo documento, que aqui nos propomos a estudar, colabora para a coesão social, no sentido de formar sujeitos capazes de adaptarem-se às transformações sociais. É preciso que as habilidades e capacidades dos estudantes sejam flexíveis, tal como ocorre no sistema de produção, em que princípios como “aprender a conhecer” e “aprender a viver juntos” são indispensáveis para a adaptação dos sujeitos à sociedade. Nas palavras do Relatório, a escola, está “aberta ao mundo”, onde estudantes e professores trazem consigo, para as aulas, princípios e comportamentos oriundos originalmente de outras fontes, entre elas a mídia (DELORS, 1998).

Conforme o site da Nova Escola⁸, a revista vem contribuir com a “complexa tarefa de ensinar” e tem sido uma leitura assídua dos educadores brasileiros. Podemos confirmar tal informação ao acompanhar as pautas da revista que trazem relatos de experiência, notícias mensais sobre a prática pedagógica em sala de aula. Em seu conteúdo é possível também verificar dicas, sugestões e orientações sobre práticas de ensino, seguidas de exemplos que, segundo a publicação, foram considerados de sucesso.

Antes da seleção dos exemplares da Nova Escola para a realização deste estudo, consultamos uma pesquisa⁹ já finalizada sobre a revista e também o site da Nova Escola, a fim de nos aproximarmos do objeto estudado. Verificamos que a publicação mensal da Nova Escola acontece desde 1986, embora em seu site estejam apresentadas apenas as capas de 2006 a 2012. Observamos cuidadosamente cada capa mensal publicada nos seis anos e verificamos que apenas três delas traziam temas como a mídia ou tecnologia na sala de aula. Duas capas eram do ano de 2006 e uma do ano de 2009. Optamos por estudar duas delas, aquelas veiculadas no mesmo ano, em 2006, com as temáticas mídia na escola e tecnologia educacional.

Uma das publicações da Fundação Victor Civita, do Grupo Abril, a Nova Escola alcança mais de um milhão e meio¹⁰ de leitores brasileiros, sendo 75% do público formado por mulheres e 25% por homens. Ainda conforme o site da revista, a Nova Escola “apresenta soluções

⁸ <http://www.assine.abril.com.br/portal/revistalinitRevista.action?codProjeto=960>

⁹ Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200010&lng=en&nrm=iso

¹⁰ <http://www.publicidadeabril.com.br/marcas/novaescola/revista/informacoes-gerais>



inovadoras e as mais modernas práticas de sala de aula”, oferecendo ao educador/leitor um apoio à sua prática com base em liberdade, inovação e mudança. É como se o periódico almejasse trazer respostas a seguinte pergunta: “[...] como aprender a comportar-se, eficazmente, numa situação de incerteza, como participar na criação do futuro?” (DELORS, 1998, p. 96).

Considerando a época do nosso objeto de análise, o ano de 2006, vemos que a escola não pôde ignorar as transformações ocorridas na sociedade do século XXI, em que se passou pelo desafio de transpor a abordagem conservadora da educação por um novo paradigma, que pretenda renovar as atitudes e valores da educação brasileira (BEHRENS, 2005). Os Paradigmas Inovadores da Educação vêm superar as abordagens Tradicional, Escolanovista e Tecnicista, cujas características ainda podem ser vistas nas escolas de hoje, mas não completamente, pois a escola norteadas pelos documentos oficiais que defendem que o conhecimento não está mais centrado apenas na escola, mas em toda a “aldeia global”, atua para o desenvolvimento da totalidade do indivíduo, em uma perspectiva inovadora de formação (BEHRENS, 2005).

Se na década de 30, com a abordagem escolanovista, a escola levou em consideração os interesses dos alunos, no fim do século XX, com o que Behrens chamou de ‘Sociedade do conhecimento’, o espaço escolar, por meio das abordagens Sistêmica¹¹, Progressista e Ensino com Pesquisa, vem superar a visão fragmentada da educação, em que disciplinas isoladas contemplam o processo de ensino e aprendizagem.

O grande desafio da visão holística será a superação do saber fragmentado que foi dividido nas escolas em disciplinas isoladas, assemelhando-se ao trabalho na indústria que se tornou especializado e repartido em setores, e, por consequência, os homens passaram, na escola e no trabalho, a se restringir a tarefas estanques sem a consciência global do processo e do produto a ser produzido (BEHRENS, 2005, p. 59).

As perspectivas inovadoras da educação, com base do Relatório Delors, vem contrapor a ideia de fragmentação, oferecendo uma educação para a incerteza, para a qualidade, em que houve a substituição da qualificação pela competência. No cenário do trabalho vemos que o

¹¹ Com base em Behrens (2005), a abordagem sistêmica da educação também é denominada como holística ou ecológica.



sujeito precisa mais do que conhecer todo o processo produtivo, mas estar pronto para agir em qualquer setor, em diferentes circunstâncias, possuindo características como competência, solidariedade, pró-atividade, capacidade rápida de adaptação. O que nos remete ao “aprender a fazer”, apresentado pelo Relatório Delors para a educação como a habilidade do sujeito de lidar com as mais diferentes situações e pessoas. “Trata-se, freqüentemente, mais de uma qualificação social do que de uma qualificação profissional” (DELORS, 1996, p. 96).

O discurso do Relatório perpassa por uma educação para compreensão do universo, em que se eleve o bem-estar da população, em que se trabalhe hoje para o futuro do mundo. Não se trata de uma educação durante a juventude, com prazo para terminar, existe, por parte do documento, uma premissa que defende uma educação por e para toda a vida, pois, a esfera da educação está em transformação e é preciso acompanhá-la, a inovação é considerada mudança, atualidade e uma necessidade dos sujeitos sociais (DELORS, 1996). O professor não pode estar isento às transformações, precisa acompanhá-las, modificando seu papel docente com a consciência de que “os saberes penetram e enriquecem os outros” (1996, p. 104).

Em busca desta premissa voltada à educação é que muitos confiam a reflexão da sua prática pedagógica ao apoio dado pela revista Nova Escola. Veem o referido meio de comunicação como um alicerce para o trabalho pedagógico e sentem-se responsáveis pela apropriação dos conceitos e informações apresentadas pela mídia para um aperfeiçoamento da sua prática e como cidadão do mundo. Trata-se do “aprender a ser”, do Relatório, se referindo à iniciativa do sujeito de buscar melhorar, aperfeiçoar-se, construindo seu papel cotidianamente com a responsabilidade de buscar conhecimento e transformação com fins de coesão social.

Um olhar sobre a Nova Escola

Na edição da Nova Escola de janeiro e fevereiro de 2006, a capa trouxe a manchete “Ligue a TV: ela prende a atenção e desenvolve a memória e a imaginação da garotada”. A foto ilustrativa apresenta seis crianças em frente à TV, mas apenas duas delas não estão assistindo ao que é exibido, olhando para a câmera no ato da foto. O semblante dos jovens variam entre



interesse, surpresa, alegria e receio, expressando assim uma emoção estética pelo que veem. A fotografia traduz uma cena em que eles estão sentados no chão, em grupo, bem próximos à tela da TV. O professor não aparece na imagem.

Acerca da televisão como instrumento educativo, o Relatório Delors expõe um panorama em que há aqueles que consideram a referida mídia objeto de crítica dos profissionais da educação e por outro lado aponta que existem defensores da apropriação na sala de aula. Considera que a TV não tem a intenção de educar, mas detém uma capacidade de sedução inquestionável e ainda menciona: “90% das escolas do Japão já utilizam a televisão como instrumento pedagógico” (1996, p. 115). O documento enfatiza a necessidade de o professor formar os alunos para a chamada “leitura crítica da mídia”, em que cada um tenha contato com o conteúdo televisivo, pois isso já o fazem, mas que não deixem de ter suas próprias aptidões, comportamentos e juízos de valores.

No entanto, o sociólogo e jornalista, Ciro Marcondes Filho, alerta sobre o poder de fascinação da televisão sobre as pessoas.

Efetivamente a televisão não funciona somente como distensão ou desligamento entre o trabalhador e seu trabalho mecânico e repetitivo. A contrário, ela prolonga o ritmo da fábrica, do banco, da empresa, só que de uma outra forma, pois mesmo durante o tempo de repouso, ou enquanto assiste à TV, o sujeito mantém seu ritmo de produção. [...] O relógio continua marcando seus passos e cronometrando sua vida; a novela das oito, no hotel da praia, continua a ser um compromisso obrigatório, mais importante que o relaxamento total que deveria acompanhar as férias. Ansiedade e sensação de estar sempre funcionando são as neuroses permanentes que garantem ao trabalhador a impressão de “estar vivo” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 23-24).

A relação com a TV é a relação com grandes corporações que trabalham pelo simbólico social, pelo controle da subjetividade dos sujeitos, o que desencadeia uma sensação de atualização baseada nas narrativas televisivas, cuja função é a de incapacitar “a inovação cultural” dos indivíduos (1988, p. 30). Nem sempre o conteúdo da televisão é produzido para educar os



espectadores, mas mesmo assim realiza a educação, pela sua capacidade de encanto por meio de sons e imagens, cada vez mais definidas e parecidas com a realidade.

Na mesma capa, vemos também três chamadas¹² com menor destaque se comparadas à manchete sobre o uso da TV. Tratam sobre assuntos diversos, são eles: Superdotados: como identificar (e atender) esses alunos tão especiais; Pensador: Florestan Fernandes, um defensor da escola democrática; Só para você: Ioga: nove posturas simples para combater o estresse. A questão dos alunos superdotados é tratada pelo Relatório Delors, o documento expressa que a equidade não se encaixa neste aspecto das crianças excepcionalmente dotadas, pois tratá-las como iguais às outras no sistema educativo é privar a sociedade do que ela tem de melhor (DELORS, 1996).

Os alunos dotados são considerados os “dirigentes do amanhã” e por isso precisam ter suas habilidades levadas em conta pela educação, afinal é preciso que os futuros dirigentes estejam formados e preparados, o que somente se faz possível pela identificação das diferenças individuais de cada aluno. “Os professores deveriam ser preparados para se adaptar às necessidades de aprendizagem diferentes dos alunos brilhantes” (DELORS, 1996, p. 213). A revista concorda com tal afirmação, pois intenciona orientar os educadores sobre como “atender” este público diferenciado. Percebemos, aos poucos, que o Relatório versa sobre o futuro, se mostrando preocupado com que está por vir, não com o que ocorre no contexto histórico em ele foi elaborado.

Mas a preocupação com o desenvolvimento dos superdotados não é um traço da educação humanista, que almeja criar oportunidades a todos e valorizar talentos de qualquer espécie. A sociedade, assim como o processo educativo, oferece aos alunos superdotados o lugar que merecem para que eles possam, em breve, favorecê-la pelas suas capacidades. Devolvendo, assim, o tratamento especial que lhes foi oferecido. Portanto, a força de trabalho qualificada existe conforme a necessidade do processo produtivo e na escola, os jovens devem ter seus talentos e habilidades estimuladas para atender a demanda social (ENGUITA, 1991).

¹² Conforme a Manual de Redação da Folha de São Paulo, entendemos chamada como “ a principal notícia do dia e deve receber o título mais importante da primeira página. Obedecer ao espaço, de acordo com o impacto da notícia” (1994, p. 155).



Em relação à escola democrática, de Florestan Fernandes, anunciada na capa da Nova Escola, o Relatório Delors defende que somente por meio de um espaço democrático, onde se negue qualquer forma de autoritarismo, é possível educar para a cidadania. A formação se volta para a construção de sujeitos comprometidos com o seu contexto, que utilizem seu desenvolvimento na comunidade onde estão inseridos. Cada indivíduo é responsável pelo seu destino e tem como dever devolver o que aprendeu à sua sociedade, esta seria a sua contribuição social (RIZO *in* CARVALHO; FAUSTINO, 2012).

Uma escola que leve em conta o multiculturalismo e a pluriétnicidade desenvolve o papel de integrar diferentes indivíduos e constitui um espaço do saber democrático. O Relatório Delors denomina tal educação como pluralista e desvela que de um lado está a defesa pelas identidades locais e, de outro, ressalta a existência de uma tendência a homogeneização da cultura nacional. Além desta contradição, percebemos, também, que ao longo do texto do Relatório há uma postura de defesa por uma “educação para a igualdade”, por meio de uma participação democrática dos sujeitos em uma educação cívica permeada por práticas de cidadania.

A saúde mental e física propiciada pela prática da Ioga, conforme notícia a capa da Nova Escola, de janeiro e fevereiro de 2006, é trazida pelo Relatório como um dos princípios fundamentais de caráter universal. E contempla:

A Comissão não resistiu à tentação de acrescentar novas disciplinas, como o conhecimento de si mesmo e dos meios de manter a saúde física e psicológica, ou mesmo matérias que levem a conhecer melhor e preservar o meio ambiente natural. Contudo, os programas escolares estão cada vez mais sobrecarregados. É necessário, pois, optar, com a condição de preservar os elementos essenciais de uma educação básica que ensine a viver melhor, através do conhecimento, da experiência e da construção de uma cultura pessoal (DELORS, 1996, p.15).

Ainda em 2006, agora na edição do mês de setembro, a Nova Escola exhibe novamente a questão da mídia na sala de aula, desta vez com o título “Inclusão digital: dos primeiros passos às experiências mais avançadas, tudo sobre o computador em sala de aula”. A imagem de uma menina sobre um computador, apertando uma tecla e sorrindo, transmite uma impressão positiva da tecnologia como recurso educativo. O que atende a um dos temas transversais do Relatório, o



“tecnologias de comunicação”, em que se consolida o computador como material didático moderno. A propósito, a Nova Escola tem como característica editorial expor imagens de personagens escolares sorridentes, sempre otimistas em relação à temática mensal abordada pela revista (BUENO, 2007). No caso das tecnologias não foi diferente.

Apenas o incentivo otimista sobre o uso das tecnologias na escola não implica na problematização dos conteúdos acadêmico-científicos, fica apenas na tecnologia por ela mesma, como recurso de instrumentalização do processo de ensino e aprendizagem. Não se avalia as condições de formação do professor para desenvolver o trabalho pedagógico com o apoio deste mecanismo, apenas existe a defesa da apropriação, como se isso bastasse para atingir a educação para a cidadania proposta pelos documentos oficiais da Educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Ainda neste ponto de vista, Teruya alerta que

[a] televisão, com frequência, mostra imagens de estudantes diante da tela de um computador para divulgar uma determinada instituição escolar. A terceirização da informática educativa nas escolas particulares já é uma realidade, que, porém, distorce e empobrece o uso do computador, porque são os técnicos de informática que conduzem uma aula sem nenhuma formação pedagógica. Servem apenas como *marketing* para atrair alunos e divulgar o nome da escola. Afinal, a ideologia transmitida é: o estudante que não tiver acesso à informação mediada pelo computador terá possibilidades restritas de ascensão social (2006, p. 89-90).

Para que a inclusão digital ocorra não basta que o professor leia e aprenda algumas formas de utilização do computador na sala de aula, mas também é preciso avaliar se as disciplinas do currículo escolar são adaptáveis a ele, seu significado enquanto criação histórica e humana, pois incluí-lo apenas como uma demanda social, a fim de adaptar-se a sociedade vigente, é aceitá-lo acriticamente. Trazê-lo para o processo de ensino e aprendizagem ainda numa perspectiva tecnicista da educação não corresponde a uma prática pedagógica inovadora. Crochik questiona: “[m]as se o pensamento considerado universal é uniformizante e está em consonância com a racionalização da escola, se o computador é representante dessa racionalização, como pode ser ele inovador?” (CROCHIK, 1998, p. 132).



Para o Relatório Delors, o computador no ensino permite, concomitantemente, que os alunos tenham seus ritmos de aprendizagem respeitados e aos professores oportuniza formas mais fáceis de organizarem suas aulas. O olhar otimista do Relatório sobre o acesso às tecnologias se estende, pois vislumbra a chance de “lutar contra o insucesso escolar” com o apoio de computadores, televisores, entre outros veículos de comunicação. Afirmando que “alunos com dificuldades no sistema tradicional ficam mais motivados quando têm oportunidade de utilizar essas tecnologias e podem, deste modo, revelar melhor os seus talentos” (DELORS, 1996, p. 190).

O uso das tecnologias na educação, mesmo numa perspectiva tecnicista, parece fascinante para incluir e valorizar os talentos escolares, seria a escola a responsável por aproximar criança e tecnologia, oportunizar o acesso aos bens que a vida não lhe concedeu. A promessa de acesso ao computador, como forma de ascensão social e, conseqüentemente, acúmulo de bens materiais ainda é vista como a chance de inclusão digital para muitos brasileiros, que, aos poucos, vão se formando consumidores, produtores, trabalhadores, deixando de serem sujeitos reflexivos sobre o processo de produção em que estão incluídos (KAWAMURA, 1990). Deste modo, é constantemente necessário (re)pensar a inserção das tecnologias nas práticas de ensino.

Como inserí-las no processo educacional sem limitar a criatividade e a visão crítica? Como evitar a elitização do uso das novas tecnologias na escola? Como coadunar a especialização e a alienação? Como repensar a qualificação dos especialistas e sua função social? (KAWAMURA, 1990, p. 73).

Se encontrarmos respostas para as perguntas feitas por Kawamura (1990), estaremos traçando um caminho mais científico para a inovação da escola e a real busca por talentos. Mas a escola pública brasileira tem mesmo condições de delinear este caminho? Afinal, como afirma Libâneo, não há consenso sobre a função da escola pública no Brasil (2010). De um lado, educadores exigem o retorno da escola tradicional, de outro, estão as secretarias de educação implantando sistemas de ensino, muitas vezes baseados nas tecnologias, em que o professor passa por formação específica para o uso na sala de aula. Ação esta que não garante o pleno



desenvolvimento dos alunos, o compromisso com a aprendizagem do conhecimento produzido historicamente, bem como o despertar de talentos, como propõe o Relatório Delors.

A questão da tecnologia no ensino é trazida pelo Relatório Delors como uma das formas para que o aluno participe ativamente do processo de ensino e aprendizagem e defende a necessidade de uma atenção à difusão do que é chamado de “novas tecnologias”, para que não ocorra mais uma discrepância entre países ricos e pobres, que estes recursos não sejam objeto de diferenciação dos indivíduos no mundo. Conforme o Relatório, vivemos em outra era, nunca mais será como antes.

As novas tecnologias fizeram a humanidade entrar na era da comunicação universal; abolindo as distâncias, concorrem muitíssimo para moldar a sociedade do futuro, que não corresponderá, por isso mesmo, a nenhum modelo do passado. As informações mais rigorosas e mais atualizadas podem ser postas ao dispor de quem quer que seja, em qualquer parte do mundo, muitas vezes, em tempo real, e atingem as regiões mais recônditas (DELORS, 1996, p. 39).

Mesmo diante desta constatação, o Relatório não ignora que muitas populações ainda não participam da “era da comunicação universal”, pois entende que o comando das tecnologias está associado ao interesses individuais de grandes potências e a educação, neste cenário, tem o papel de aproximar os indivíduos das redes de comunicação. Mas como isentar os usuários da lógica trazida pela tecnologia das grandes potências?

Crochik (1998) explica que o computador está associado à razão instrumental e pode ser uma forma de dominação. Vemos isso com as novidades trazidas por empresas de eletrônicos e divulgadas pelas propagandas sobre os *tablets*, *notebook* e *netbooks*. Há sempre algo novo, o último lançamento, o novo modelo, em que os sujeitos sentem-se desatualizados por não conseguirem acompanhar o desenvolvimento tecnológico e se deixam dominar pela promoção do mercado. O que nos inquieta é que a aquisição de novas tecnologias, bem como o conhecimento sobre as formas de utilizá-las, assim como propõe a Nova Escola, não acarreta na compreensão do todo, da lógica de mercado. “A educação, assim, favorece a formação do homem como um instrumental de controle da natureza, mas não de sua compreensão, a não ser nos termos próprios dessa lógica de dominação” (CROCHIK, 1998, p. 134).



É como se a indústria de tecnologias não se atentasse apenas à produção de produtos, mas também passasse a pensar pelos indivíduos, uma vez que eles não desenvolvem a memória compreensiva, mas se mantêm na memória mecânica, daquilo que lhes é facilmente oferecido. “Donde se percebe que, a capacidade para pensar, antes referida, se estabelece regulada de perto pelas necessidades do capital” (PALANGANA, 1998, p. 151). Pois, para se manter, a sociedade capitalista aumenta o controle sobre os indivíduos, uma das formas encontradas foi a padronização das suas subjetividades e a tecnologia tem sido um artefato de influência.

Mas o passo a passo da inclusão digital apresentado pela Nova Escola não traz em si esta consciência do pensar dialeticamente, que envolve ter contrapontos e fazer rupturas, mas propõe uma adaptação ao conhecer, seria, portanto, o princípio “aprender a conhecer” do Relatório Delors, imprescindível, segundo o documento, em um contexto com tantas inovações. “[...] seria a possibilidade de os educandos se fascinarem pelo conhecimento e aprenderem a aprender, para enfrentar dificuldades impostas pelo novo mundo [...]” (RIZO, 2012, p. 69).

Negligenciar o elemento do “aprender a conhecer” ocasionaria na disfunção social, impedindo a paz e o desenvolvimento contínuo dos indivíduos em uma sociedade que se transforma rapidamente e busca a coesão social. “A educação deve, pois, adaptar-se constantemente a estas transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições, os saberes básicos frutos da experiência humana” (DELORS, 1996, p. 21). Ainda na capa da Nova Escola, de setembro de 2006, consta a seguinte chamada com menor destaque: “eleição: exercite a ética todos os dias”, o que nos remeteu, rapidamente, a uma das três dimensões da educação¹³.

É agindo com ética e respeitando as diferenças que a criança, no espaço escolar, vai se formando pela sua experiência e pela relação com o outro. A convivência de diferentes pessoas é uma das principais dificuldades da educação, pois o ser humano tem em si a condição de valorizar/defender mais seu grupo do que o dos outros, criando rivalidades e pré-conceitos. Na perspectiva do Relatório, a escola precisa trabalhar pela paz e pela tolerância, levando em consideração o princípio do “aprender a viver juntos”, uma vez que as diferenças existam, elas não precisam ser combatidas e sim aceitas (DELORS, 1996). A proposta promulga a ideia de um

¹³Dimensões: “[...] ética e cultural; científica e tecnológica; econômica e social” (DELORS, 1996, p. 22).



cidadão do mundo, que participe ativamente das decisões que envolvam sua vida, através do oferecimento de seus talentos e potencialidades ao seu universo social.

Considerações finais

Mas aí refletimos, é possível emancipar nestas questões objetivas? Em que os documentos que regem a educação brasileira contemplam a formação de um indivíduo solidário e, ao mesmo tempo, competitivo? É realmente possível aceitar as diferenças materiais e espirituais como sugere o Relatório Delors? Não pretendíamos chegar a conclusões concretas e definitivas acerca da formação dos sujeitos sociais, mas discutir os princípios que norteiam a educação, levando em conta as suas contradições. Deixamos estas questões para, quem sabe, uma nova reflexão sobre o assunto.

Sobretudo, percebemos que a Nova Escola repercute os princípios do Relatório Jacques Delors nas suas matérias de capa e trata a questão das tecnologias/mídias na sala de aula como uma questão natural do ambiente escolar, disseminando a tradição trazida pelo Relatório de minimizar as diferenças, pois para todos os leitores, a inclusão digital e a atenção à TV devem ser considerados temas indispensáveis de orientação dos professores. Como não ansiávamos fazer considerações levianas, mas observar criticamente o Relatório Delors e duas capas da revista Nova Escola, podemos ponderar que as premissas dos dois objetos merecem uma revisão, pois disseminam valores e condutas de uma sociedade baseada no consumo e na amenização das desigualdades sociais.

Afinal considerar que todos os professores/leitores têm condições de se apropriar das tecnologias e que o manual criado pela Nova Escola para orientá-los é capaz de apoiar a todos, sem distinção, é um engodo, afinal não se problematiza o processo de inserção da tecnologia, enquanto criação humana e histórica, apenas é defendida a utilização para adequação à sociedade vigente. Em nossa análise, vimos que a escola é aquela da coesão de classes, onde se valoriza o desenvolvimento de competências para o contexto globalizado em detrimento da aprendizagem



intelectual dos alunos. Contrariamos esta perspectiva, pois apoiamos a ideia da problematização da sociedade e não a aceitação de suas condições conforme a demanda do mercado.

Referências

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BUENO, Sinésio Ferraz. **Semicultura e educação**: uma análise crítica da revista Nova Escola. Ver. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v.12 n.35. Ago. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 de junho de 2012.

CROCHIK, José Leon. O computador no ensino e o ajustamento do pensamento. *In*: _____. **O computador no ensino e a limitação da consciência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 127-180.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

ENGUITA, Mariano F. Tecnologia e Sociedade: a ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Trabalho, educação e prática social**: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 230-253.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação**: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 1994.

KAWAMURA, Lili. **Novas tecnologias e educação**. São Paulo: Ática, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **A escola brasileira em face de um dualismo perverso**: a escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Goiânia: Puc, 2010. Disponível em: <<http://professor.ucg.br/SiteDocente/home/disciplina.asp?key=5146&id=3552>>.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.



MARCUSE, Hebert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. **Revista de estudos marxistas**. São Paulo: Boitempo, 1997, n.01.p. 113-140.

NOVA ESCOLA. **Função social**. Disponível em <<http://www.assine.abril.com.br/portal/revista/initRevista.action?codProjeto=960>>. Acesso em 23 de junho de 2012.

NOVA ESCOLA. **Informações**. Disponível em <<http://www.publicidadeabril.com.br/marcas/novaescola/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 10 de junho de 2012.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2008.

PALANGANA, Isilda C. Individualidade no círculo da cultura mercantilizada. *In: _____*. **Individualidade: afirmação e negação na sociedade capitalista**. São Paulo: Plexus/EDUC, 1998, p. 145-182.

RIZO, Gabriela. Relatório Delors: a educação para o século XXI. *In: CARVALHO, ELMA Júlia; FAUSTINO, Rosângela Célia*. **Educação e diversidade cultural**. Maringá: Eduem, 2012.

TERUYA, Teresa. **O trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá: Eduem, 2006.

Fontes

NOVA ESCOLA. **Inclusão digital: dos primeiros passos às experiências mais avançadas, tudo sobre o computador na sala de aula**. São Paulo: Editora Abril. jan-fev/2006.

NOVA ESCOLA. **Ligue a Tv: ela prende e desenvolve a memória e a imaginação da garotada**. São Paulo: Editora Abril. set/2006.